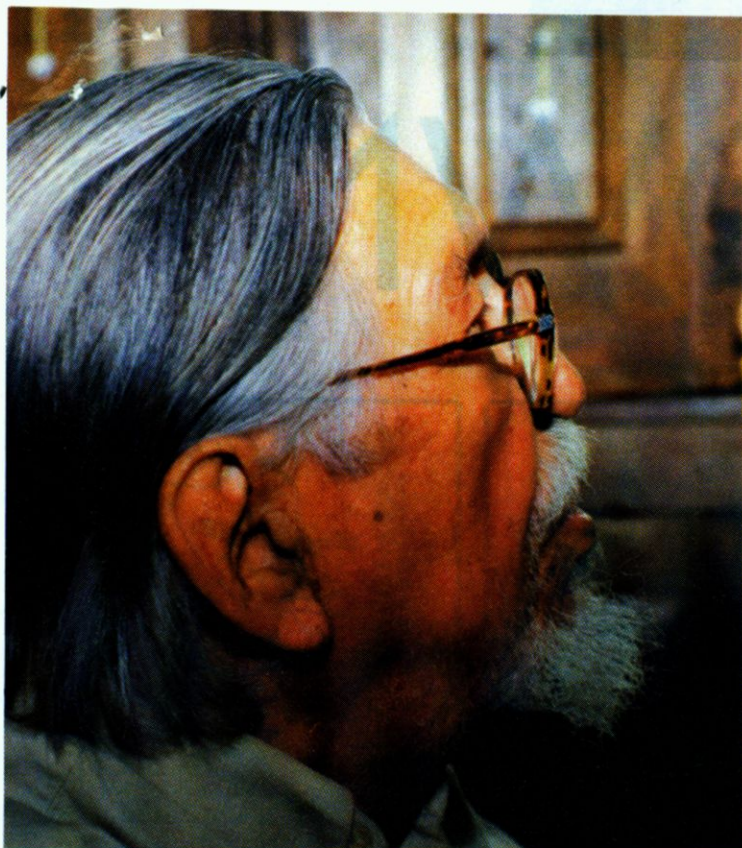


INSTITUTO
SOCIOAMBIENTAL
Documentação
Fonte: Bundar V, 1 no 36
Data: 22-28/2/2000 Pg. 28-32
Class. 401



A SAGA ASSASSINA DE BOCA RICA

Quando nós saímos de Rio das Garças, tinha um sujeito na nossa expedição que todo mundo respeitava, ele era terrível! Era o Boca Rica!

Um dia, conversando com ele, contou como tinha vindo parar ali. (Imitando um matuto, mas arrogante, de voz dura) "Nóis era dois irmão: Onésio e Sinésio. Onésio era eu. Aí o vizinho implicou com meu pai. Nós desentendemo, briguemo, matemo seis."

"Seis pessoas?"

"Matemo seis, sinsinhô. Aí vieram a soldadesca. Seis soldado, matemo quatro. Aí veio um punhado de soldado e nós abrimo no pé. Meu irmão falou assim: vou garimpar diamante. Eu falei: eu não, vou garimpar ouro porque quero pôr ouro nos dentes".

Com o primeiro ouro que encontrou, contratou um dentista e cobriu todos os dentes. Ele era de pouca fala, mas de vez em quando virava pros companheiros: "Arrepara! Bria?" E todos respondiam: "Vixe! Relampeja!" Que ninguém era besta de contrariar Boca Rica.

Boca Rica casou com uma cabocla que tinha seis filhos, cada um com um pai. Linda! Mas ele tinha um ciúme dela tão canalha. "Se oiá eu mato! Se oiá eu mato!" E ela se dava com todo mundo. Sábado, todo mundo vinha comprar no entreposto, então ela atravessava o pátio e vinha. Ele, dez metros atrás. Ela chegava toda assim: "Bom dia!" Os homens tudo: "Bom dia, sinsinhô..." (virando o rosto pro outro lado e cobrindo com uma mão.)

No entreposto só podia comprar gente da expedição, mas havia chegado dois sujeitos do garimpo, precisando comprar umas coisinhas, e deixei eles irem

orlando

lá. Um baixinho e outro mais alto. Os dois encostados no balcão, conversando com o empregado lá da frente. Ela entra: "Eia!" Um dos sujeitos olhou: (com voz de matuto ignorante) "Êêêê... Ixi Maria, que desastre!" Aí ela riu e ele pegou e pôs a mão no ombro dela.

Nessa hora Boca Rica chega na porta, vê aquilo, arranca o facão e chega no sujeito. Mete o facão aqui (o facão entra pelo ombro até o peito). Aí ele empurra (se pendura no facão, forçando a lâmina ainda mais pra baixo). Essa parte toda desligou do corpo e caiu fora. O companheiro do lado, quando viu aquilo - "ih" - morreu. Morreu de ver!

Mandei chamar a polícia, a polícia veio: um sargento e cinco soldados. O sargento dizia assim: "Cada um vai prum lado procurar onde tá escondido esse homem! Quem achar, prende!" (gaguejando): "Ô s-s-seu s-s-sargento! N-não é meio n-nóis ir t-tudo j-junto?", perguntaram.

A cabocla sumiu com todos os filhos. Boca Rica fugiu e foi pro Alto Araguaia. Tinha um dinheirinho e comprou um butecoquinho em frente ao porto. Ganhou amizade lá, todo mundo gostava dele. Ficou quieto ali etc., mas olhando sempre pro porto. Forrou o balcão com sacos de areia. Um dia viu soldados descerem no porto. "Êpa! Esse trem é comigo." Pegou a carabina e ficou ali. Quando os soldados foram se aproximando, PUM, PUM, matou dois. Os soldados que sobraram ficaram quietos, Boca Rica chegou na porta assim pra ver, tomou um tiro e caiu.

O sargento queria matá-lo, dar um tiro nele, mas a população chegou: "Não mata! Não mata!" E ele fingindo que já tava morto. O sargento pega um mosquetão e arranca o olho dele. O canalha não deu um grito! Aí os soldados pensaram que tava morto mesmo e foram embora.

Uma canoa levou Boca Rica pra Aragarças. Eu passei por lá num avião da FAB e me avisaram: "Aquele homem que trabaivava com o sinhô tá lá no hospital e tá morrendo". Fui lá e ele tava inchado pra burro. Cantei o piloto do avião e trouxe ele pra São Paulo, levei no Hospital das Clínicas. Não quiseram receber. Levei na Escola Paulista de Medicina. Receberam. Ficou oito meses no hospital.

Ele punha a bota por cima do pijama, punha um chapéu, e ficava no corredor. As enfermeiras passavam e ele... (encarando, com a mão na cintura) "Êêilláááá!" Mandaram me chamar, fiquei bravo com ele, escondi as botas dele! Mas puseram ele na rua assim mesmo.

Aí fomos comprar um olho de vidro pra ele. A moça que servia tremia assim... E ele dizendo: "Óiaqui! Óia nesses zóio! Agora, arranja um igual a esse!"

Pus ele escondido num avião da FAB e falei: "Não desce em Aragarças não. Desce em Diamantina e vai pro Xingu". Ele ficou por lá. Um dia me procurou, tava precisando muito ir à Barra do Garças, não-sei-o-quê, eu dei uma carta. Entrou em Barra do Garças, matou um sujeito. Polícia veio correndo atrás dele, mostrou a carta. Pessoal ficou indeciso - eu era muito conhecido - não prenderam ele, e ele continuou fazendo isso umas duas ou tres vêzes. Sujeito terrível...

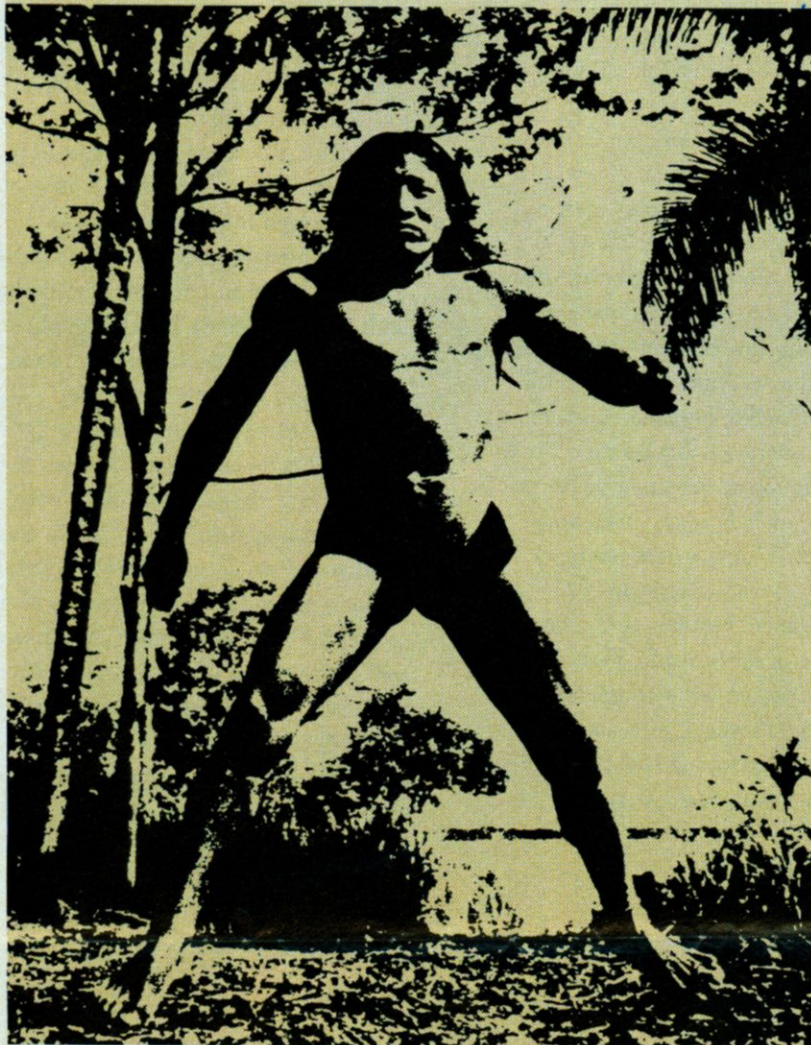
villas-bôas

CAUSOS E HISTÓRIAS DE UM DESBRAVADOR

A ONÇA BRANCA QUE MATOU DUJIGA

Onça é bicho formidável. Só é perigosa pra presa que ela vai comer. É difícil ela saltar sobre uma pessoa. Os índios Juruna têm a crença de que no fundo do rio mora a onça branca, que, quando sai da água, é muito perigosa. É o Espírito da Onça. Dujiga, um índio Juruna, nosso companheiro, foi pescar com Da-á, seu colega. Saíram de canoa margeando a barranca. Lá adiante, ele ouve um mutum esturrar. "Pará a canoa aqui, vou pegar esse mutum e você me apanha mais embaixo." Sob a barranca, caminha dez metros e grita. Da-á passa a mão no arco e flecha, sobe a barranca... e ele me conta: (imita o índio) "Tinha a onça branca matando o Dujiga". "Mas tem certeza que era a onça branca?" "Tem, ela matava diferente, quebrando o pescoço do Dujiga." A onça mesmo, quando ataca, crava os dentes e arrasta. "Levei um susto. Ela virou pra mim, me olhou, largou Dujiga e caminhou pro lado do rio."

Então eu perguntei: "E por que você não flechou a onça branca?" "Não, não!" E toda a aldeia que ouvia a história também gritou: "Não! Não! Se ele flechasse a onça branca, nós aqui todos morria".



O guerreiro Dujiga teve o pescoço quebrado pela misteriosa onça branca que mora no fundo do rio

O BOTOCUDO E AS UVAS

Fizemos um grande banquete em homenagem ao marechal Rondon, com muitos convidados de fora, inclusive jornalistas e pessoas de televisão. Mas o mais interessante desse banquete foi uma apresentadora de TV, muito bonitinha, que ficou encabalada com os índios botocudos e com aquele beijo enorme que eles têm.

A sobremesa do banquete eram uvas, e ela pegava cada uvinha e botava assim no beijo do índio, pra ele comer. Ela achava aquilo muito interessante mas o índio cuspiu a uva fora e gritava "Baikan! Baikan!" Ela perguntou: "O que ele está dizendo?" Ai traduziram: "Azedo! Azedo!" Foi pior, ela pegava as uvas e insistia: "Não é azedo não, é doce! Docinho, olha só...", chupava uma saborosamente, pegava outra e botava na boca do índio. E o índio desesperado: "Baikan! Baikan!" Até que eu falei: "Olha, eles estão com vergonha de traduzir pra você, mas o que ele está gritando é 'Me cago! Me cago!'" É que os botocudos tinham comido uvas antes e tinha dado disenteria na tribo inteira.

A REPRESA QUE PODERIA TER MUDADO A HISTÓRIA

Meu pai era advogado mas tinha fazendas no interior de São Paulo, lá pela Sorocabana. Um dia um primo levou um médico pra conhecer meu pai. O filho desse médico foi nadar na represa com a gente, mesmo meu pai tendo proibido. Esse menino disse que não sabia nadar e meu pai ficou apavorado. Mas a gente foi assim mesmo. O filho do médico não sabia nadar mesmo e quase se afogou.

Anos mais tarde, no Xingu, chegou uma comitiva de políticos, muita gente, e o prefeito de São Paulo. Comecei a contar essa história pra ele: "Quando eu era criança, na fazenda do meu pai, recebemos a visita de um médico, que veio com o filho dele, fomos todos nadar na represa, o menino quase se afogou..."

O prefeito então contou: "Pois o mesmo aconteceu comigo. Quando eu era criança, fui com meu pai visitar uma fazenda, fomos nadar numa represa, eu não sabia nadar e quase me afoguei..."

Falei: "Mas era você mesmo o menino da minha história! Eu te reconheci quando você chegou no Xingu!" "Ah, era eu?!" Então me abraçou efusivamente: "Ó meu irmão!"

Esse prefeito era o Jânio Quadros.

UM VEADO E SUAS CONSEQUÊNCIAS

Quando a gente tava construindo o campo de pouso na Serra dos Cachimbos, passamos seis meses comendo rapadura com farinha. Se a gente tentasse caçar, os índios Ypeui cercavam. O rio onde dava pra pescar, os índios também tinham tomado conta. Foram seis meses de caganeira, uma coisa louca. Aí aconteceu um negócio que quem quiser acreditar, que acredite, quem não quiser, não acredite.

Tinha um capinzal imenso, mais ou menos a uns 150 metros do nosso rancho, e Cláudio teve a idéia de pôr fogo naquele pedaço, porque aí, quando passasse algum animal, ficava fácil da gente pegar. Deu certinho. Três, quatro dias depois, tudo queimado, começou a sair de novo uma brotação, daquelas que veado gosta muito de comer. Nós olhamos e vimos um troço marrom caído lá no meio. Corremos até lá e era um veado: tinha tentado atravessar aquela área e o fogo tinha queimado os casquinhos dele. Não podia andar, tava assim... (imita o veado deitado com as patas no ar).

Eu falei: "Vamos matar esse veado pra gente comer". Cláudio falou: "Não, não vamos". "Vamos." "Não vamos." Ele ganhou. Carregamos o veado até a beira do rio, pusemos água na boca dele, ele bebeu, depois demos um jeito de carregar o veado até o rancho e pusemos ele numa sombra.

Andamos a fazer outra coisa e quando voltamos o veado sumiu. Sumiu! Se uma onça tivesse pegado, a gente teria visto porque o descampado era de uma légua. Se fosse uma sucuri, a gente teria visto porque sucuri deixa rastro. Mas o veado sumiu, mesmo sem conseguir andar.

Cláudio, Leonardo e eu – os três irmãos – mais os dois índios que tavam conosco, não fizemos nada durante uma semana, procurando pra onde podia ter ido aquele veado. Nada, nada, nada. Passou-se um mês, dois meses, três meses...

Terminamos o campo, desceu um avião, Leonardo foi embora, os índios também, ficamos Cláudio e eu. Descemos a serra a pé, caminhando vários dias, e fizemos novo contato com os Cajabi.

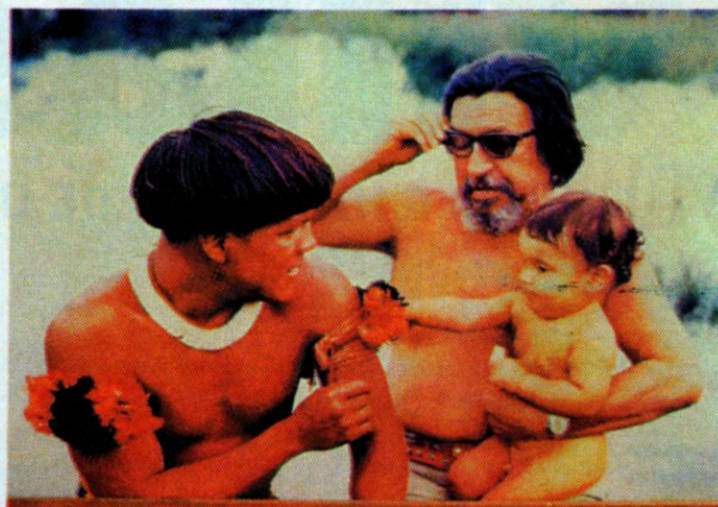
Pripuru, um índio que falava português, nos acompanhou de aldeia em aldeia pra gente se despedir deles.

Na última aldeia tinha um velho. Pripuru explicou: "Ele não gosta ninguém olha a cara dele. Ele tem os olhos esbugalhados." Mas a gente insistiu, queria falar com ele. O velho tava lá... (cobrindo o rosto com as mãos). Pripuru foi, falou, falou, daqui a pouco o velho levantou, olhou pro Cláudio, olhou pra mim, baixou a cabeça e disse:

"Os índios Ypeui nunca vai matar esses dois." Ficamos ali... "Por que será isso? Por quê?"

O velho virou e disse: "Longe daqui esses dois não mataram um veado no campo". Uma coisa que aconteceu a mais de 100 km dali! Ninguém estava lá, foi uma visão do desgraçado! Esses índios não saíam da aldeia. Levamos um susto danado, inclusive não entendemos do que ele falava. De repente, Cláudio teve um estalo: "O veadinho do Cachimbo!" Pedimos mais explicações, o velho não queria falar, Pripuru insistiu... sabem o que o velho disse? "Lá só tinha um pajé de Ypeui." Não era um veado, era um pajé.

Isso foi em 49. Passaram-se os anos e esquecemos completamente disso. Em 72, quando estávamos fazendo a atração dos índios gigantes, esses Ypeui, chegamos na margem direita de um rio com uns 60 metros de largura. Os índios apareceram na outra margem. Grita daqui, grita de lá, Cláudio, afobado como ele só, pegou uma canoa sozinho e atravessou o rio. Os índios que tavam conosco, que eram do Xingu, gritavam: "Cláudio, os índios vão matar você! Cláudio!" Os índios de lá correram pra beira do rio já com os arcos esticados, esperando o Cláudio descer da canoa. Ficamos com a certeza absoluta de que ele ia ser flechado. Quando ele tava chegando lá, veio um índio correndo e pulou em cima dos dois que já estavam disparando as flechas, gritou não-sei-o-que e todos fugiram. Aí lembramos daquela frase: "Os Ypeui nunca vão matar esses dois."



O SARGENTO FLECHADO NA BUNDA

Recebemos uma comitiva grande no Xingu, com brigadeiros, generais, Carlos Lacerda tava presente, aquela gente toda. Aí veio um índio me contar: "Tem um sargento que tá lá com minha mulher e eu não tô gostando". "Vai lá e manda ele sair." Daí a pouco ele voltou: "É, eu falei pra ele sair mas ele não quer. Tá sentado na rede abraçado com minha mulher". "Fica lá perto dele. Se ele fizer alguma coisa que você não ache certo, flecha ele."

Então ele pegou e flechou o sujeito na bunda. O sargento saiu gritando, com a flecha pendurada. Cheio de oficiais, generais, aquela coisa toda, e o sargento passando, e a flecha na bunda... Eu ainda fiquei falando: "Ih, essa flecha é envenenada..." Todo mundo ficou olhando com medo.

Um oficial logo começou a dar ordens: "Chamem um médico pra arrancar essa flecha!" Eu falei: "Não." Pedi a um brigadeiro um avião pra levar o moço a Brasília, mandaram o sujeito embora, mas na hora de entrar no avião peguei um jornalista e falei: "Vai junto com ele. Do avião você avisa a imprensa". Quando o sargento chegou em Brasília, com a flecha espetada na bunda, tava umas cem pessoas esperando, jornal, tudo. Imagina o sujeito descendo do avião, com aquela flechona...

A FAB acabou expulsando o sujeito.

AS MULHERES DE ATENAS DA AMAZÔNIA

Só senti medo físico quando fomos capturados pelos índios Txucarramãe. Fizemos contato com eles na Cachoeira de Von Martius. Os índios na margem esquerda e nós numa ilha. Fomos até lá pra confraternizar. Se você chega numa aldeia, o índio tem mania de te dar a mão e ficar caminhando de mão dada. Então quando veio um índio e segurou na minha mão, tudo bem. Aí veio outro índio e segurou na outra mão. Aí era amizade demais. Fui coçar a cabeça e vi que tava preso.

Gritei: "Cláudio, os índios me agarraram!" Cláudio respondeu: "Já tô agarrado!" Levamos dois índios conosco: Dujiga e Pauedê, que tinha 1,90 de altura, um monstro, de uma coragem canalha. Já tinha atravessado um rio de 1.200 metros a nado com uma flechada Txucarramãe nas costas, e ainda assentou de voltar conosco pra fazer a atração desses mesmos índios. Mas quando gritei: "Cláudio, chama o Pauedê", Cláudio respondeu: "Tem quatro em cima dele!"

Os índios foram nos arrebanhando pra dentro da mata. Ao atravessar uma picada, tinha que subir por umas pedras enormes, mas segurando na mão de um índio e de outro ao mesmo tempo, e quando chegamos no alto, os três desequilibraram, eles me empurraram e eu caí. Fraturei um joelho. Consegui ir arrastando a perna direita. Lá dentro da mata, fizeram uma roda de uns 400 homens e mandaram que nós chamássemos as mulheres deles. Nós não sabíamos de nada, mas as mulheres tavam bravas com eles, maridos, e tinham ido embora. É o seguinte: na atração dos índios, no primeiro, segundo, terceiro, quarto contato a mulher não aparece. Geralmente, do quinto contato em diante é que aparecem mulheres e crianças, mas no segundo contato as mulheres dos Txucarramãe já apareceram, e nós só tínhamos levado presentes pra homem: faquinha, facão, fósforo... Os índios ficaram contentes pra burro mas as mulheres ficaram pressionando os maridos pra conseguir presentes também pra elas. Eles riam, sabiam que não tinha nada pra elas, nossa canoa tava limpa.

As mulheres ficaram bravas e resolveram ir embora.

Todas as mulheres, com as crianças no colo, foram pra margem do rio. Teriam que atravessar o Xingu, de 1.600 metros, e caminhar 20 dias pra chegar nas aldeias dos parentes. Mas ali, na barranca do rio, pararam porque era noite, ameaçando chuva, e precisavam dos paus secos pra pôr debaixo do braço e atravessar o rio. Os índios, sabendo que elas ainda estavam na beira do rio, nos aprisionaram pra que nós chamássemos as mulheres.

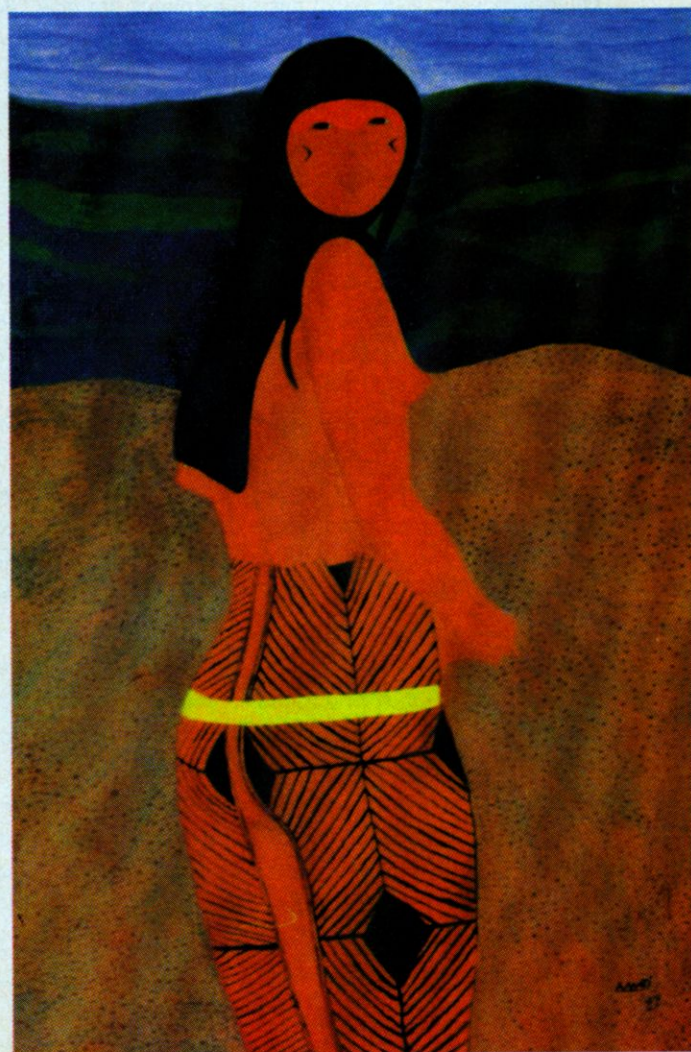
Eu gritava: "Mulheres, vem cá! Civilizado é bom!" O que aconteceu? A gente gritava e as mulheres não vinham. Um índio começou a gritar: "Mata, mata, que branco não presta!" A roda se desfez e veio pra cima da gente. Dujiga gritou pra gente se abaixar, que estava de noite e não iam achar nossa cabeça. Ficou aquele troço assim... (deitados, com a cabeça rente ao chão). Todos com a absoluta certeza de que iam morrer. E eles vindo com as bordunas... De repente um índio mais afastado gritou: "Uma velha! Uma velha!" Houve um silêncio danado, aí tornaram a acender o fogo e clareou o ambiente. Vi um vulto, corri até lá, era uma índia idosa. Trouxe ela comigo pra junto do fogo e pedi pra ela chamar as outras. Pedi em português, mas ela entendeu. Deu um grito.

Chegaram as mulheres. Aquele mulherio... depois ficamos sabendo que eram mais de 200 mulheres. Uma delas, que vinha na frente, levantou o braço. Todos os homens sentaram. Coisa fantástica! Aqueles homens bravos, de beirão, tudo

sentado... (de cabeça baixa). E ela com o braço em pé.

Chamou duas mulheres, que vieram e nos levaram pro porto. Empurrando Pauedê, Dujiga, Cláudio e eu: "Depressa! Depressa! Depressa!" Chegamos na beira do rio, pegamos a nossa canoa e atravessamos. Quando nós estávamos a uns 30 metros da margem, os índios chegaram e chamaram a gente de volta. É claro que não fomos.

Chegamos num acampamento do outro lado do rio - 1.600 metros - dormimos sem acender fogo, pra não mostrar a posição, e no outro dia de manhã voltamos pro nosso posto. Seis meses depois, voltamos. Levamos presentes só pra mulher, nada pra homem. Quando as mulheres viram aqueles negócios todos, fomos cercados pelo mulherio e ficamos sabendo o que aconteceu naquela noite. Os índios estavam morrendo de fome. As mulheres, pra gente conseguir chegar ao rio, estenderam uma passarela de comida. Quando perceberam que a gente tava salvo, sapatearam em cima pros homens não comer. É por isso que os índios queriam pegar a gente de novo.



Pintura do índio Amati da tribo dos Trumai, do Alto Xingu

“O velho é o dono da história, o índio é o dono da aldeia e a criança é a dona do mundo”

OS NÁUFRAGOS DO RIO DAS MORTES

Quando nós subimos o Rio das Mortes, num barco grande, encontramos na margem esquerda dez homens e duas mulheres que estavam num outro barco que tinha ido ao fundo. Sendo que uma das mulheres tava grávida e deu à luz. Quando o barco foi pro fundo, os doze subiram numa árvore. A mulher começou a sentir as dores do parto. Os homens, com o escrúpulo da coisa, não podiam levantar o vestido dela. Eles penduraram a mulher pelas axilas e a outra mulher entrou por baixo. Uma mulher pendurada, a outra pegando a criança. Quando nasceu, a de baixo passou a criança pra mãe: “Maria, pega teu filho”. Mas ela, segura pelas axilas, não tinha muito movimento, a criança escorregou das mãos... caiu no rio e a piranha comeu a criança na hora. Na frente dela.

Ela teve um desmaio, ficou desmaiada umas duas horas, e os homens segurando ela pelas axilas, porque na árvore não tinha espaço pra deitar ela. Quando cansava um, vinha outro e ficava no lugar. Porque o rio tava na cheia, em volta dessa árvore só tinha água, não tinha como sair dali. No começo uns pensaram em pegar o rio e nadar até a barranca, mas pra lá da barranca ainda tinha dois quilômetros de alagado, água pelo peito, cheio de capim. Ninguém nada no capim.

Por que o barco deles foi pro fundo? Eles tavam subindo o rio e ouviram um barulho vindo de uma ilha alagada. TÊM-TÊM-TÊM-TÊM... parecia um sujeito batendo com um pedaço de pau numa árvore. Um homem chamado Libânio meteu o peito no rio e foi até lá. Um outro gritou: “Seu Libânio, eu vou com o senhor!” “Não! Não!” Mas ele foi nadando junto.

Quando Libânio chegou na ilha, tinha um sujeito numa árvore e outro mais acima, cada um numa rede. Aí ele ficou sabendo. Esses dois desciam numa canoa. Tava fazendo sol. Tinha chovido muito. E eles descendo o rio numa canoa. Um disse pro outro: (com voz de sertanejo) “Olha, Araújo, tu fica no piloto, eu vou dormir. Depois você drume e eu fico no piloto”. “Tá bom.” O homem de piloto dormiu também. E a canoa veio, entrou na ilha, atravessou e a correnteza quebrou ela ao meio. Foi tudo pro fundo e eles acordaram. Não puderam pegar nada, só um saco que ia passando onde tavam as redes. Subiram na árvore e cada um armou sua rede. Dormia um em cima, outro embaixo. Trinta e dois dias!

Comendo folha e casca de árvore! Um dizia pro outro: (com vozinha fraca) “Raul... dá uma foinha tenra...” Foram eles que bateram na árvore chamando a atenção do barco que vinha subindo e o barco que vinha subindo se descontrolou e foi pro fundo também.



Libânio e o outro ajeitaram os dois que tavam muito fracos, puseram eles mais embaixo, e voltou pra árvore dele. O outro companheiro também voltou nadando atrás. Quando chegou no meio do rio, gritou: “Seu Libânio! Ô Seu Libânio!” “Que é, rapaz?” “Seu Libânio!” “Nada, rapaz!” “Não vou nadar mais não! Agora eu vou morrer!” “Nada!” “Vou moreeeee...” E foi por água abaixo.

Vimos subindo com um barco grande e recolhemos todos eles das árvores. Vimos logo os onze na árvore no meio do rio. O Libânio falou: “Naquela ilha tem mais dois”. Quando passei lá, eles tavam com a barriga desse tamanho e o pescoço fino e não conseguiam nem falar. Iam falar e não saía a voz. A gente tinha um médico a bordo, dr. Bahia de Abreu, e nem ele tinha explicação: como é que os sujeitos ficaram ali mais de 30 dias e não morreram? Fomos todos pra Pimentel Barbosa. Eu perguntava: “Raul, tá melhorando?” (com voz sumida) “Tá melhorano, sinsinhô... Esta noite... a minha barriga falooooo...”